

**Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as  rvores:
Manoel de Barros em seus enunciados de/para/com a infância**

Ana Claudia Baz  de Lima; Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto;
Daniele Aparecida Russo; Sandra Aparecida Pires Franco;
Amanda Valiengo; Andressa Cristina Molinari

Como citar: LIMA, A. C. B.; GIROTTO, C. G. G. S.; RUSSO, D. A.; FRANCO, S. A. P.; VALIENGO, A., MOLINARI, A. C. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as  rvores: Manoel de Barros em seus enunciados de/para/com a infância In: BRABO, T. S. A. M.(Org). Direitos Humanos, g nero, cidadania e educa o. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acad mica, 2022. p. 389-406. DOI:
<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-279-6.p.389-406>



ERA O MENINO E O SOL. O MENINO
E O RIO. ERA O MENINO E AS
ÁRVORES: MANOEL DE BARROS EM
SEUS ENUNCIADOS DE/PARA/COM A
INFÂNCIA

*Ana Claudia Bazé de Lima*¹

*Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto*²

*Daniele Aparecida Russo*³

*Sandra Aparecida Pires Franco*⁴

*Amanda Valiengo*⁵

*Andressa Cristina Molinari*⁶

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação pela UNESP FFC - Marília (SP). E-mail: anabazet@hotmail.com.

² Livre-Docente em Leitura e Escrita. Professora na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação pela UNESP FFC - Marília (SP). E-mail: cyntiaunespmarilia@gmail.com.

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação pela UNESP FFC - Marília (SP). E-mail: danirusso1@hotmail.com.

⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEL. sandrafranco26@hotmail.com.

⁵ Professora da Universidade Federal de São João Del Rei_MG. ducavaliengo@gmail.com.

⁶ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação pela UEL, (PR). Atualmente é professora colaboradora na mesma Universidade no curso de Letras-Inglês e professora da Rede Básica de ensino. dessinha_molinari@hotmail.com.

“(...) é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua.” (BAKHTIN, 2016, p. 16-17).

INTRODUÇÃO

Pretendemos, neste texto, compreender a tessitura poética de Manoel de Barros a partir das ideias do círculo de Bakhtin, mais precisamente de Bakhtin e Voloshinov sobre os gêneros do discurso; bem como a relevância de sua literatura na formação de crianças em sua humanidade, no vislumbrar de que, cada vez mais, possam viver suas infâncias, sendo consideradas e aplaudidas como sujeitos de direitos, em escolas que valorizem o acesso e a apropriação à cultura elaborada, aqui, à arte estético literária desse brasileiríssimo poeta mato-grossense, que há muito tem um valor inestimável de habitar e de enriquecer ainda mais o universo infantil.

Inicialmente, trataremos de alguns aspectos teóricos que propõem Bakhtin e Voloshinov para pensarmos acerca dos gêneros do discurso, dentre eles conceitos e reflexões sobre signos, enunciados, alteridade, responsividade e dialogia. Posteriormente, introduziremos, para dialogar com esses conceitos, a vida e a obra do poeta Manoel de Barros, poesia que virou, música e movimento, e contagia a vida de meninos e meninas, na sua humanidade em construção. Desde este ponto de vista, abordaremos a importância de suas obras para a formação do humano em cada criança, mediante seus ‘criaçamentos’.

PRESSUPOSTOS BAKHTINIANOS: CONTRIBUIÇÕES DO FILÓSOFO RUSSO E SEU CÍRCULO

Ao propor o estudo da filosofia da linguagem, em contraponto ao formalismo, o círculo de Bakhtin - Voloshinov, Medvedev e Bakhtin - fez a opção de não estudar a língua isolada das ações humanas, mas estudar a fala no sentido de discurso, estudar o ato humano da linguagem.

Não podemos estudar a linguagem sem falar dos signos. Neste sentido, Voloshinov (2017) em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* responde que o tipo de atividade que pertence ao psiquismo subjetivo é

[...] a realidade do psiquismo interior, isto é, a realidade do signo. Não há psiquismo fora do material signico. Há processos fisiológicos, processos no sistema nervoso, mas não há psiquismo subjetivo como uma qualidade específica da existência, diferente, por princípio, tanto dos processos fisiológicos do organismo quanto da sua realidade circundante, sobre a qual reage o psiquismo e que ela reflete de uma maneira ou de outra. É como se o tipo de existência do psiquismo subjetivo o situasse entre o organismo e o mundo exterior, como se na fronteira dessas duas esferas da realidade. Nesse limite ocorre o encontro, que não é físico, do organismo com o mundo exterior: nesse caso, o organismo e o mundo se encontram no signo. A vivência psíquica é uma expressão signica do contato do organismo com o meio exterior. É por isso que o psiquismo interior não pode ser analisado como objeto e só pode ser compreendido e interpretado como signo. (VOLOSHINOV, 2017, p. 126).

Portanto, podemos afirmar que os signos constituem a consciência, ou seja, o homem é um signo e sua subjetividade é alteritária, constitui-se pela alternância de vozes, pelo diálogo com outros signos.

Na perspectiva bakhtiniana, a unidade de análise é o signo, território entre o mundo exterior e o próprio sujeito. Nesse sentido, afirmamos que o homem é um signo porque ele se constitui pela relação com o outro, ele humaniza-se de forma alteritária, pela alternância, pelas trocas realizadas desde que foi inserido na cultura humana e ao longo de sua existência. Conduzido pelos pressupostos da filosofia da linguagem, Manoel de Barros constituiu-se poeta pelas relações com o outro e com o meio que apresenta em seus enunciados de vida.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. E, segundo Bakhtin (2016), o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos, concretos e únicos.

Para Bakhtin (2016), cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais ele denomina gêneros do discurso. Ressaltamos que quando tratarmos de gêneros do

discurso, estamos nos referindo aos orais e aos escritos, conforme também aborda o autor.

Salientamos a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso. Essa riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é elaborado um repertório de gêneros do discurso. É importante ressaltar que inclusive os diálogos informais do cotidiano fazem parte dos gêneros do discurso.

Bakhtin (2016) diferencia os gêneros discursivos primários dos secundários. Podemos dizer que os primários são enunciados como se fossem o nascimento dos gêneros que, num processo constante de elaboração, vão transformando-se em secundários, mais elaborados. Existe uma gênese nos gêneros secundários, esta que está nos primários. Os gêneros discursivos secundários incorporam os gêneros discursivos primários, o alimento do secundário é o primário.

Primários como estâncias, situações evolutivas que são cada vez mais elaboradas chegando aos secundários. Gênero primário é aquele menos elaborado, mais efêmero porque está ligado a vida cotidiana. Gênero secundário é o resultado da produção ideológica, com certa natureza perene. Mas um influencia o outro.

Mesmo Bakhtin (2016) separando os gêneros discursivos entre primário e secundário, entendemos que um está intimamente ligado ao outro.

Vemos a totalidade da vida com os gêneros primários e secundários, orais e escritos que se tocam, por isso é difícil de estabelecer fronteiras. Eles invadem a fronteira um do outro para criar essa relação dialógica entre os homens. Porque as fronteiras indicam e estabelecem limites definidos e, limitando-os (os gêneros), nós nos distanciamos da vida.

Entendendo que os enunciados são vivos, os primários e os secundários se invadem entre si e, ao invadir um ao outro, eles se retroalimentam, ou seja, não são apenas os primários que dão origem aos secundários, mas os secundários podem alterar e contribuir com os primários.

O grande diálogo universal com fronteiras não demarcadas, são os diferentes enunciados se imbricando, resultando nos gêneros do discurso. Portanto, os gêneros do discurso não são estáticos, estão em constante movimento, modificando-se nos diferentes enunciados.

Considerando a natureza dialógica da comunicação discursiva, vemos que o enunciado é compreendido como elemento da comunicação indissociável da vida. Entendemos, portanto, o enunciado como manifestação verbal do homem a partir de suas vivências e experiências. Dentro dos diferentes enunciados, fazemos nossas escolhas para nossos gêneros discursivos segundo nossas subjetividades em dialogia com o outro. O poeta Manoel de Barros ao retratar sua infância, manifestou suas vivências em enunciados, em gêneros discursivos. Segundo Prioste (2007), “o âmbito em que o poeta age, portanto, tange a utopia, ou seja, fora de qualquer lugar em que legisle o princípio da realidade.” Sua obra da infância é um surrealismo de vivências e experiências de um menino pantaneiro.

O enunciado oral e escrito é a própria vida nas suas várias elaborações. E é justamente esse enunciado que é o objeto de pesquisa de Bakhtin e Voloshinov: o grande conjunto dialógico presente nas relações humanas por meio dos signos, como podemos visualizar na obra de Barros, como veremos mais adiante.

“Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes.” (BAKHTIN, 2016, p. 29). Podemos dizer que a dialogicidade é presente nos enunciados, já que o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva. Neste sentido, o leitor ou o outro (compreendedor) tem uma ativa posição responsiva durante o diálogo com o autor (falante) que fala ou escreve intencionalmente para alguém.

A compreensão não repete nem dubla o falante, ela cria sua própria concepção, seu próprio conteúdo; cada falante e cada compreendedor permanece em seu próprio mundo; a palavra faculta apenas o direcionamento, o vértice do cone. Por outro lado, falante e compreendedor jamais permanecem cada um em

seu próprio mundo; ao contrário, encontram-se num novo mundo, num terceiro mundo, no mundo dos contatos; dirigem-se um ao outro, entram em ativas relações dialógicas. A compreensão sempre é prenhe de resposta. (BAKHTIN, 2016, p. 113).

O compreendedor está elaborando sua própria compreensão, seu próprio conteúdo a partir do discurso do falante. Quem escreveu e quem está lendo estão em mundos diferentes e, ao ler, cria-se uma terceira estância. É a relação entre eles, o diálogo.

A fala é uma manifestação do sujeito como resultado das relações humanas. Portanto, é o uso próprio de cada um, mas resultado das relações com os outros. São os enunciados do outro que constituem o nosso próprio enunciado, a nossa própria fala ou nosso próprio discurso. Então, esse discurso é nosso porque temos nossas subjetividades, mas não é exclusivo nosso, é constituído pelo discurso do outro.

Por isso a palavra, entendida como *discurso interior*, prevalece enquanto material sógnico do psiquismo. É verdade que o discurso interior é entrelaçado por uma grande quantidade de movimentos dotados de uma significação sógnica. No entanto, a palavra é a base, o esqueleto da vida interior. O desligamento da palavra limitaria o psiquismo até o extremo, já o desligamento dos demais movimentos expressivos o deixaria totalmente inativo. (VOLOSHINOV, 2017, p. 121).

O outro nos constitui, outro no sentido das relações semióticas a partir de experiências e vivências da fonte da vida.

Podemos afirmar que para escrever, vamos buscar nas fontes: o que fizemos, o que lemos, o que vivenciamos, o que experimentamos, o que escutamos.... As fontes têm que estar nos sujeitos e não fora deles. E é o que vemos na obra de Manoel de Barros: a vida se manifestando por meio de seus enunciados.

Então, entendemos que o enunciado é a manifestação verbal do homem a partir das relações com o outro. “Ora, a língua passa a integrar a

vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. ” (BAKHTIN, 2016, p. 16-17). Os temas da vida, são os temas dos diferentes enunciados.

A palavra que está na poesia, a palavra que está na literatura, na criação cultural toda, na ideologia, está presente na vida e ao contrário também: a vida está presente na poesia. O enunciado é a vida se manifestando. E em toda a obra do poeta brasileiro Manoel de Barros não é diferente, no que tange as obras que retratam a infância, podemos ver que foi uma criança que pôde viver sua infância de menino. Com as poesias barrosianas podemos também refletir sobre as crianças urbanas, a infância de meninos e meninas que não possuem um quintal do tamanho do mundo.

Manoel de Barros publicou mais de vinte livros, entre eles, “Face Imóvel” (1942), “Poesias” (1946), “Compêndio Para Uso dos Pássaros” (1961), “Gramática Expositiva do Chão” (1969), “Matéria de Poesia” (1974), “O Guardador de Águas” (1989), “Livro Sobre Nada” (1996), “Retrato do Artista Quando Coisa” (1998), “O Fazedor de Amanhecer” (2001), e “Portas de Pedro Vieira” (2013). E em cada página, as palavras são encharcadas de cultura, resultado de alteridade e de responsividade nos diálogos com muitas vozes durante sua vida e a partir das suas vivências e experiências.

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas

Dou respeito às coisas desimportantes

e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Mesmo sendo resultado das alternâncias de vozes, dos diálogos feitos, cada enunciado é um evento único, irrepetível. “Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual” (BAKHTIN, 2016, p. 17).

Então todo estilo está ligado ao enunciado e as formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. E o estilo individual desse poeta contemporâneo mostra-se a cada poesia que transborda vida no sentido de ser resultado dos muitos diálogos com o outro.

Manoel Wenceslau Leite de Barros, o poeta brasileiro contemporâneo, Manoel de Barros, cresceu na fazenda de seu pai no Pantanal e aos 13 anos de idade mudou-se para Campo Grande – Mato Grosso do Sul. Sua infância foi cercada pela natureza e a partir das relações com os outros, da dialogia com os signos, das suas vivências e experiências, principalmente da infância, compôs poesias com palavras vivas.

O poeta trata seus ‘primórdios’ enquanto objeto valioso. Tão valioso que deve ser carregado em um andor. Nesse sentido, mais uma vez, Barros explicita que sua estética está

completamente vinculada ao ‘criançamento das palavras’. Sem a intervenção estética da criança, do lugar chamado ‘criançamento’, ‘lá onde elas ainda urinam na perna’, o poeta não prevê criação artística. A infância, é valorizada enquanto tempo-lugar-objeto ideal para a criação do poeta. (LIMA; BARROS; MOREIRA; SILVA, 2017, p. 7).

Por meio da dialogia com as obras de Manoel de Barros, é possível perceber que seus enunciados são frutos das vivências e experiências na sua essência e não superficialidade, em que o autor percorreu em sua vida, principalmente nas relações da sua infância, nos diálogos informais do cotidiano que fazem parte dos gêneros do discurso do poeta.

Vemos a totalidade da vida do autor em gêneros primários e secundários. Primários porque é a partir do seu cotidiano, da mania de escrever coisas “desimportantes”, como ele mesmo dizia, é que elaborava os mais belos poemas como gêneros secundários.

Consideramos, portanto, a natureza dialógica da comunicação discursiva e que o enunciado é compreendido como elemento da comunicação indissociável da vida.

Atrás da casa em que Manoel de Barros morava na infância passava um rio que ele pensava ser a imagem de um “vidro mole”. Ele gostava de viver em meio a natureza e muitos de seus poemas foi baseado na sua infância, Era o menino e o rio...

O menino e o rio

O corpo do rio prateia
Quando a Lua se abre
Passarinhos do mato gostam
De mim e de goiaba
Uma rá me benzeu
Com as mãos na água
Com os fios de orvalho
Aranhas tecem a madrugada
Era o menino e os bichinhos

Era o menino e o Sol
O menino e o rio
Era o menino e as árvores
Cresci brincando no chão
Entre formigas
Meu quintal é maior
Do que o mundo
Por dentro de nossa casa
Passava um rio inventado
Tudo o que não invento
É falso.

Entendemos o enunciado como manifestação verbal do homem a partir de suas vivências e experiências. E, por meio do diálogo com os enunciados de Manoel de Barros, essa marca de autoria é presente em suas obras assegurando o que Bakhtin e Voloshinov afirmaram: que a palavra que está na poesia, na literatura e em toda a criação cultural, está na vida. O enunciado é a vida se manifestando.

A INFÂNCIA: PERALTAGENS DE MANOEL DE BARROS

O poeta, retrata sua vida, sua infância em versos. Para compreendermos porque no eu poético de Manoel de Barros se apresenta a criança e suas vivências infantis, buscamos os poemas em que o menino se faz presente.

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui.

Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância.

Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto.

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.

Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (BARROS, 2010, p. 187).

Este poema-narrativa, autobiografia poetizada por Manoel de Barros no livro *Poesia Completa* nos apresenta seu olhar para sua infância, sua história do tempo vivido. Como criança viveu intensamente suas peraltagens, o faz de conta foi uma de suas brincadeiras mais relevantes para seu desenvolvimento, dizia que “brincava de fingir” e ao brincar de brincar foi articulando saberes e conhecimentos. Já adulto, buscou em suas raízes crianceiras a permissividade de dizer sem pudor, brincou com palavras dando vida às suas lembranças, às suas peraltices, a sua infância.

Ao analisarmos Manoel de Barros e suas crianceiras encontramos a concepção vigotskiana de que as relações sociais se convertem em funções mentais,

O ser humano se constitui na relação com o outro; na interação social, as dimensões cognitiva e afetiva não podem ser dissociadas. Quando interagem as crianças as aprendem, se formam e transformam; são sujeitos ativos, participam e intervêm na realidade, suas ações são maneiras de reelaborar e recriar o mundo. [...] Processos manifestos na infância constroem realidades individuais e históricas que se traduzem na subjetividade de cada um (Kramer; Motta, 2010). (KRAMER; NUNES; CARVALHO, 2013, p. 34).

Neste sentido, os pressupostos da teoria histórico-cultural e da teoria da enunciação nos ancoram para que possamos compreender como Manoel de Barros foi constituindo sua alteridade de poeta. Para Bakhtin (2003), linguagem e vida são indissociáveis. Nas inter-relações entre o eu e o outro se confrontam múltiplos discursos que nos constituem. (KRAMER; NUNES; CARVALHO, 2013, p. 41). Assim, o eu poético foi mercidamente reconhecido como um importante poeta brasileiro da contemporaneidade.

Nos propomos a elucidar essa infância, como período de vida, como tempo de vivências e experiências, como menino pantaneiro e como sentido de vida objetivada nos poemas. *Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o Sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.* “O tempo barrosiano se materializa na infância; a infância é vista como lugar. A estética barrosiana só se revela à luz da infância enquanto tempo-lugar de criação” (LIMA; BARROS; MOREIRA; SILVA 2017).

Analisamos o menino, também na perspectiva da concepção de criança assegurada na política pública da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação – CEB/CNE na Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, como:

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009)

Nesta perspectiva, a infância retratada pelo poeta nos remete a um período de vida em que a criança – menino pantaneiro – “[...] cria cultura, brinca, dá sentido ao mundo, produz história, recria a ordem das coisas, estabelece uma relação crítica com a tradição” (KRAMER; NUNES; CARVALHO, 2013, p. 34) o que é visível nas poesias de Manoel de Barros. O poeta escreveu sobre sua infância já adulto e nos remete à Freire (1994) os “olhos” com que “revejo” já não são os “olhos” com que “vi”, porém na

memória ficaram registradas as vivências que foram carregadas de sentidos, portanto inesquecíveis.

As águas, os animais, as plantas e a cultura estão presentes nas poesias e em uma delas o poeta dizia: *Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela*, esse lugar é o Pantanal, bioma importante, ecossistema rico em diversidades na fauna e na flora que apresenta uma forma de viver peculiar para aquela região que se adequa aos períodos de cheia e de baixa das águas dos rios, este cenário único está localizado entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, região do centro oeste brasileiro que marcou culturalmente Manoel de Barros, o poeta nasceu em Cuiabá, cidade que hoje é capital do Mato Grosso e posteriormente, foi morar em Corumbá e Campo Grande, cidades do atual Estado de Mato Grosso do Sul, esses dois estados eram um, o antigo Mato Grosso, quando lá vivia o menino – são 40 anos apenas que o pantanal em Corumbá é sul-mato-grossense. O poeta viu esse período de divisão territorial, porém esse fato não alterou sua identidade de menino pantaneiro.

O poeta que retrata *uma infância livre e sem comparamentos*, escreveu outras poesias que vão além das crianças, encantaram e encantam adultos, dentre elas:

O Menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos.

Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira

Era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele
para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água

O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.

Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do

que do cheio.

Falava que os vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito

Porque gostava de carregar água na peneira

Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que

carregar água na peneira.

No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça,

monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.

Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.

E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando

ponto no final da frase.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios.

Até fez uma pedra dar flor!

A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou: Meu filho, você vai ser poeta.

Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios com as suas peraltagens.

E algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.

Manoel de Barros, fez pedra dar flor, fazia prodígios e era amado pelos seus despropósitos e assim, conquistou respeito como um dos maiores Poetas Brasileiro da contemporaneidade. Sua poesia por ser prodigiosa não se restringiu ao lápis, ao livro, ganhou outros sentidos para seus significados e suas raízes pantaneiras virou música e movimento.

RAÍZES CRIANCEIRAS MUSICADAS: DO LÁPIS AO PALCO

A infância do poeta, percorre hoje os palcos no Brasil afora com o projeto do cantor e compositor Márcio de Camillo, músico sul-mato-grossense que se propôs visitar a poesia de Manoel de Barros dando vida ao *Espetáculo Crianças*

O projeto Crianças nasceu do desejo de reverenciar a obra de Manoel de Barros, através de minha música. Ao mergulhar em sua obra, percebi o quanto era lúdico aquele universo de encantamento e descobertas, vividas pelo poeta em sua infância pantaneira. Assim, surgiu a ideia de musicar sua obra para o público infantil, criando uma ponte entre a poesia e a melodia, de forma que seus versos pudessem ser entoados como o canto dos passarinhos, e levados com o vento, sem direção...

Foi uma grande experiência em minha carreira; uma oportunidade enriquecedora. Hoje, me sinto mais árvore, passarinho, peixe, jacaré...

Obrigado Poeta, por suas palavras inventadas; Entoar seus versos foi uma incrível peraltagem! (MÁRCIO DE CAMILLO, [2012]).

Ao acessarmos o site do projeto⁷ foi possível visualizar como as raízes pantaneiras e a poética de Manoel de Barros transcendeu, materializando a utopia das coisas não inventadas. São 10 poemas musicados com trabalho gráfico da artista plástica Martha Barros, filha do poeta, organizados em CD e na produção do espetáculo.

As *memórias inventadas* do menino ganharam o palco, as palavras saltaram e a poesia virou música, ação e movimento num espetáculo que apresenta teatro e cinema de animação, tecnologia digital e literatura. Nas cenas, os intérpretes brincam com as memórias do poeta, se valendo da tecnologia para que imagens físicas interajam com as projetadas, promovendo que personagens e paisagens inventadas tomem a realidade, acontecendo da infância para a infância, tão Manoel.

⁷ <http://www.crianceiras.com.br/manoel-de-barros/>

A cena é construída pelo grupo Sobrevento de Teatro de Animação de São Paulo, a partir do brincar dos intérpretes com a palavra do poeta. Os personagens Bernardo, Sebastião, Caranguejo Se Achante, Sombra-Boa, Garça Branca e outros, transportam o público para um mundo lúdico, reunindo no palco várias linguagens artísticas como: música, poesia, teatro e vídeo animação⁸.

Manoel de Barros, não está mais apenas na ponta do seu lápis, o poeta está também na voz do músico que se encantou com o poeta da terra, no movimento da bailarina que se permite ser garça, nas imagens que retratam a brincadeira de fingir e não diferentemente do poeta o espetáculo foi reconhecido nacionalmente pela qualidade de um trabalho para crianças, e quem de nós não tem consigo uma criança?

Nos encantamos com o sentimento de infância que o espetáculo provoca o que nos desafiou a este capítulo pelo convite que o *Crianceiras* nos fez ao estarmos como espectadoras. Sentimos a água, o cheiro e ouvimos os sons dos passarinhos, vendo e ouvindo Manoel de Barros em Marcio de Camillo. Importante ressaltar que outros músicos cantaram poesias deste poeta, porém poesias para as crianças pequenas e grandes, somente no Projeto Crianceiras.

Crianceiras é o encontro entre o poeta e o músico, o encontro entre a arte: literatura e música. Para Vigotski (1999) a arte está para a vida como o vinho para uva, neste sentido, a vida alimenta a arte que transcende e recria sem obrigatoriedade de ser fiel à realidade da vida, Manoel de Barros bem nos retrata esse pensamento vigotskiano quando o poeta diz: *Tudo o que não invento é falso*. O poeta brincava de inventar palavras e versos que ao serem musicalizados e encenadas tomaram formas reais e vivas apresentando ao público a poesia e a música como objeto cultural.

⁸ Disponível em (<http://www.crianceiras.com.br/manoel-de-barros/>)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao que nos propomos refletir, não findamos nem esgotamos as análises sobre a vida e obra de Manoel de Barros. Esse poeta sul-mato-grossense, que em parceria com o músico também sul-mato-grossense Márcio de Camillo, deram movimento às palavras vivas – como diz o círculo bakhtiniano – de um menino pantaneiro que viveu no íntimo do homem Manoel Wenceslau Leite de Barros.

Aqui analisamos a infância sob a égide do poeta, um tempo e lugar de vivências e experiências de peraltices misturadas com um surrealismo ímpar que compõe poemas com narrativas, enunciações brincantes, que ao se permitir transpor por outras mídias, se apropriou de outra arte, a música, para que suas palavras tivessem movimento, consolidando a arte como existência, como pensamento apreciado pelos palcos e espectadores (também crianças), compondo a cultura humana.

Enfim, crianças, pelas vias desse *criançamento* barrosiano, são mais crianças. São mais crianças em oportunidades infinitas de viver a infância; possibilidades concretas mediante a signos ricos, porque vívidos em objetivações estético-literárias como as musicalizadas. São, por exemplo, *crianceiras* todas as vezes em que se colocam em enunciações de/para/com a infância; em que se postam em atitude responsiva ativa literária. As obras do poeta são, a um só tempo, formas de descobrir-se em subjetividades infantis e maneiras de reelaborar e recriar o mundo, pois ao contemplar e compreender o que tem o mundo, este passa a ser manifesto pelas ações infantis, em que elas, as crianças, se fazem mais em infâncias.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BARROS, M. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.
- BRASIL. Resolução CNE/SEB 5/2009 de 17 de dezembro de 2009. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2009.

CAMILLO, M. *Crianças: poesias de Manoel de Barros*. [2012]. Disponível em: <http://www.criancas.com.br/manoel-de-barros/> Acesso em: 29 out. 2017.

KRAMER, S.; NUNES, M. F.; CARVALHO, M. C. (org.) *Educação Infantil: formação e responsabilidade*. Campinas: Papyrus, 2013.

LIMA, J. R. P.; BARROS, I. O.; MOREIRA, M. E. A.; SILVA, J. R. R. Cronotopo na poética de Manoel de Barros. *Macabéa: revista eletrônica do Netlli, Crato*, v. 6, n. 1, p. 1-9, jan./jun. 2017.

PRIOSTE, J. C. P. Humano, consignado humano. *Revista Ecos*, [S.l.], v. 6, p. 49-62, 2007.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VOLOSHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.